ACTA PSICOSSOMÁTICA, São Paulo, n. 1, p. 56-65, Jul/Dez 2018

ÉDIPO E PSICANÁLISE: UMA TENSÃO ENTRE A TEORIA E A CONTEMPORANEIDADE

[1]Hannah Lampert, [2]Juliano Lagôas.

[1]Centro Universitário de Brasília.

[2]Centro Universitário de Brasília.

hannahlampert@gmail.com

Resumo

O artigo propõe explorar algumas das críticas dirigidas à noção freudiana de complexo de Édipo, procurando mostrar os possíveis efeitos dessas críticas no interior do discurso psicanalítico, bem como possibilidades teóricas por elas abertas. Para isso, adotou-se a estratégia metodológica denominada "trabalho do conceito", proposta por Georges Canguilhem. No contexto desta discussão, foi possível levantar questionamentos acerca da suposta ideologia machista subjacente ao paradigma edipiano, o que aproximaria a psicanálise do discurso patriarcal. Nesse sentido, apresentamos algumas discussões recentes, no campo psicanalítico, acerca do estatuto do complexo de Édipo, com o intuito de oferecer alguma contribuição ao processo de abertura de um diálogo que até então parecia improvável: entre psicanálise e feminismo.

Palavras-chaves: Complexo de Édipo; Feminilidade; Psicanálise; Contemporaneidade, Universalidade.

Oedipus and psychoanalysis: a tension between theory and contemporary.

Abstract

The article proposes an exploration of some of the criticisms directed at the Freudian notion of the Oedipus complex, trying to show the possible effects of these criticisms within the psychoanalytic discourse, as well as the theoretical possibilities open to them. For this, the methodological strategy called "concept work", proposed by Georges Canguilhem, was adopted. In the context of this discussion, it was possible to raise questions about the supposed macho ideology underlying the Oedipal paradigm, which would bring psychoanalysis closer to the patriarchal discourse. In this sense, we present some recent discussions in the psychoanalytic field about the status of the Oedipus complex, in order to offer some contribution to the process of opening a dialogue that hitherto seemed unlikely: between psychoanalysis and feminism.

Keywords: Oedipus complex, Femininity, Psychoanalyses, Contemporary, Universality.

Édipo y psicanálisis: una tensión entre la teoría y la contemporaneidade

Resumen: El artículo propone una exploración de algunas de las críticas dirigidas a la noción freudiana de complejo de Edipo, buscando mostrar los posibles efectos de esas críticas en el interior del discurso psicoanalítico, así como posibilidades teóricas por ellas abiertas. Para ello, se adoptó la estrategia metodológica denominada "trabajo del concepto", propuesta por Georges Canguilhem. En el contexto de esta discusión, fue posible plantear cuestionamientos acerca de la supuesta ideología machista subyacente al paradigma edípico, lo que aproximaría el psicoanálisis del discurso patriarcal. En este sentido, presentamos algunas discusiones recientes, en el campo psicoanalítico, acerca del estatuto del complejo de Edipo, con el propósito de ofrecer alguna contribución al proceso de apertura de un diálogo que hasta entonces parecía improbable: entre psicoanálisis y feminismo.

Palabras clave: Complejo de Edipo; La Feminilidade; El Psicoanálisis; Compemporaneidad; Universalidad

Introdução

Os cenários social, cultural e político brasileiro no século XXI foram atravessados e marcados por diversas mudanças substanciais. Uma demonstração disso é que, nos últimos vinte anos, a sociedade mostrou certos avanços jurídicos em relação a conquistas de direitos para a população LGBT e feminina. Em 2006, por exemplo, foi decretada a lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica contra a mulher. Logo depois, em 2008, através da Portaria Nº 457, o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a oferecer atenção aos sujeitos transexuais que tem interesse em fazer a cirurgia de redesignação sexual. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal aprovou a união estável entre pessoas do mesmo sexo e, em seguida, em 2015, o mesmo tribunal aprovou, pela primeira vez, a adoção de crianças para um casal homossexual (Brasil, 2006, 2015).

Fazendo um apanhado dos principais avanços nas normas jurídicas brasileiras, podemos também, paralelamente, observar que discussões feministas sobre igualdade, respeito às mulheres e à diversidade têm ocupado, progressivamente, espaços que antes não lhes eram legítimos. O feminismo do século XX se voltou para discussões acadêmicas e produções teóricas que têm ganhado cada vez mais força até os dias de hoje, por exemplo, a partir dos trabalhos de Delphy (1984), Chauí (1985), Hooks (2000), Butler (2003), Adichie (2014), Tiburi (2018), entre outras, que conseguiram atingir, inclusive, os espaços mais populares da sociedade, tais como as telenovelas e as redes sociais.

O discurso feminista do século XXI dá continuidade ao que propunha o feminismo inaugurado pela publicação d`O Segundo Sexo por Simone de Beauvoir em 1949. Apesar dos avanços das discussões teóricas feministas ancoradas no século XXI, a raiz deste pensamento reside na intenção de romper, através de questionamentos e produções teóricas, discursos que sustentam a hierarquia entre os sexos. Então, produções teóricas feministas, cada qual a seu tempo, buscaram e buscam desconstruir e criticar diversas teorias que, de alguma maneira, sustentam o patriarcado .

A psicanálise, a partir deste contexto, é alvo indiscutível dos discursos feministas como sendo, desde o século XIX, uma das fontes elementares para a disseminação de uma ideologia machista (Áran, 2000; Birman, 2001). Butler se ocupou, ao longo de suas obras, em apontar alguns pontos negativos da psicanálise em relação às questões de gênero e sexualidade. Segundo Cossi e Dunker (2017), Butler aponta que “a psicanálise lacaniana se sustentaria na matriz heterossexual” (p. 3), e que, por pensar o gênero de forma binária, a psicanálise enfrentaria uma dificuldade para refletir sobre novos arranjos culturais: novas formas de parentescos, novos modelos de família (como a união entre homossexuais), práticas sexuais e gêneros indiscerníveis (a transexualidade, por exemplo). Além disso, a filósofa estadunidense nos alerta de que, caso a psicanálise não seja atravessada por algum tipo de reforma, o saber por ela produzido contribuirá apenas para a reprodução dos regimes de poder e para a negligência de outras formas humanas de reconhecimento (Cossi & Dunker, 2017).

Associamos esse diagnóstico de Butler ao de Joel Birman (2006), para quem o discurso psicanalítico tem entrado em “dissonância flagrante” (p. 168) com os fenômenos da atualidade. O autor defende a existência de um “mal-estar na psicanálise”, na medida em que esta apresenta algumas lacunas frente às atuais demandas feministas e de gênero, por exemplo.

Uma das principais críticas que a teoria psicanalítica recebeu ao longo de sua história, e que neste artigo abordaremos com mais atenção, diz respeito à função do complexo de Édipo na constituição do psiquismo. Birman (2006) acredita que, a partir do Édipo, a psicanálise fornece bases teóricas para o patriarcado, na medida em que considera a figura paterna como essencial à constituição do sujeito, designando ao homem o registo da Cultura e da Lei, e à mulher, o registro na Natureza e da falta moral. Além disto, Kehl (2016) e Birman (2001) nos mostram que, a partir de sua inscrição no complexo de Édipo, o falo perde o estatuto de “objeto parcial” (junto com seio e fezes), assumindo o de “objeto total”, ou seja, adquirindo valor absoluto de pênis, o que se desdobra em uma série de consequências para a questão da diferença sexual no discurso psicanalítico. Pesquisadores de outras áreas do saber, como por exemplo as ciências sociais, também não poupam críticas ao conceito edipiano. Segato (2003) considera o complexo de Édipo como sendo o ponto de incompatibilidade entre psicanálise e antropologia, afirmando que a triangulação edipiana é mais um mito que culturaliza e replica a estrutura do patriarcado.

Assim sendo, essas críticas a respeito da teoria psicanalítica vêm sendo feitas de modo a instigar e mobilizar psicanalistas a repensarem a concepção freudiana de feminilidade, à luz das novas configurações do feminino no mundo contemporâneo. E até

mesmo, de maneira mais acentuada, questionar a centralidade do complexo de Édipo em face dos novos arranjos socioculturais. Ou, dito de outra maneira, até onde vai a capacidade do discurso psicanalítico de se reinventar de modo a fazer face às novas demandas da atualidade?

Partindo da hipótese de que a psicanálise é uma "doutrina viva" – desde Freud – cujos fundamentos, elaborações e conceitos não são cristalizados, "mas precisam constantemente ser retomados, questionados, atualizados e reinventados" (Poli, 2015, p. 24), o objetivo deste artigo é discutir o lugar que o complexo de Édipo ocupa nas críticas contemporâneas endereçadas à concepção psicanalítica de feminilidade, procurando mostrar os possíveis efeitos dessas críticas no interior do arcabouço conceitual da psicanálise.

Metodologia

Este trabalho baseou-se na estratégia metodológica do "trabalho do conceito" (Canguilhem, 1975, citado por Lagoas, 2017). Segundo Machado (2006), Canguilhem desenvolveu uma epistemologia histórica das ciências da vida – baseada na epistemologia histórica das ciências exatas de Gaston Bachelard – que consiste em investigar procedimentos de produção de conhecimento científico, elucidar operações das ciências e avaliar a racionalidade científica – em resumo, fazer uma análise da cientificidade (Machado, 2006). E dentro dessa perspectiva, privilegia-se o conceito como sendo "o elemento que expressa a verdade científica" (p. 22), pois, segundo o autor, não há como compreender as diversas operações científicas se não se privilegia a análise da construção dos conceitos e as interrelações conceituais que autorizam a definição da racionalidade das teorias e a interpretação das observações e experiências (Machado, 2006).

O "trabalho do conceito", na pesquisa, funcionou como uma tentativa de compreender um conceito analisando "os efeitos de sua relação com a rede conceitual na qual está inserido" (Lagoas, 2017, p. 21). E para isso, procura-se deformá-lo, isto é,

> encarná-lo no movimento de pensamento no interior do qual se produzem os impasses, contradições e obstáculos que mobilizam esforços de retificação, impulsionando a invenção de novas gramáticas para a formulação dos problemas, e, por conseguinte, a renovação das categorias com as quais se pretende encaminhá-los (Lagoas, 2017, p. 22).

Para a construção do material de análise, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre "complexo de Édipo" nas obras de Freud, Lacan e comentadores. A partir disso, o material foi selecionado e sistematizado, tendo como critérios a relevância, a extensão da abordagem do conceito na bibliografia levantada e o nível de aprofundamento das análises encontradas. Em seguida, foram produzidas resenhas críticas, fichários bibliográficos e de citações, e notas de comentário, que subsidiaram o "trabalho do conceito".

Em relação à análise do material buscou-se inicialmente delimitar o conjunto de problemas aos quais o conceito freudiano de "complexo de Édipo" visa responder. Em seguida, tratou-se de apresentar as críticas dirigidas à centralidade do Édipo na teoria psicanalítica, buscando identificar suas estruturas argumentativas. E, por fim, procurou-se examinar os efeitos que essas críticas produzem no interior do arcabouço psicanalítico, bem com as possibilidades teóricas e de diálogo por elas abertas.

Complexo de Édipo

A trama edipiana é vista pela psicanálise como um fenômeno universal e organizador da nossa subjetividade desejante, ou seja, determinante dos modos de acesso do sujeito ao seu gozo, ao seu desejo e a sua sexuação (Costa, 2010). Nasio (2007) apresenta o complexo de Édipo não apenas como uma crise sexual que visa a posterior socialização dos nossos desejos, mas também como a própria fantasia que esta crise delineia no inconsciente infantil. Logo, a trama edipiana definiria a identidade sexual do sujeito, além de instituir seu "caráter" e sua capacidade de gerir conflitos afetivos.

Christian Dunker, em seu artigo intitulado O Nascimento do Sujeito, define o complexo de Édipo da seguinte maneira:

> (...) uma espécie de encruzilhada estrutural da subjetividade humana. Ele não deve ser entendido apenas como uma fase infantil a ser superada ou não, mas como um conjunto de experiências que constitui estruturas psíquicas e modos de relação que permanecem no sujeito. Entende-se por sujeito (...) fundamentalmente o que nos torna responsáveis por nosso próprio desejo, mesmo que uma parte dele permaneça inconsciente. (Dunker, 2006, p. 13).

Portanto, o complexo de Édipo pode ser caracterizado como um "conjunto de experiências" que balizam os destinos do sujeito no campo psicopato-

lógico (neurose, perversão e psicose) a partir da história singular dos "modos de relação" ao Outro, particularmente das respostas do sujeito ao encontro com a falta no Outro. Mas, sobretudo, o drama edipiano descreve o processo de socialização da criança, sua inserção no universo simbólico da linguagem e da cultura, e sua consequente assunção à condição de ser desejante.

Explorando a "encruzilhada estrutural da subjetividade", da qual o complexo de Édipo é o signatário, é com a figura emblemática do Supereu que nos deparamos, como se sabe, titular inconteste do espólio edipiano. Na visão de Freud (1923a/2006), o Supereu abre, para o sujeito, o acesso à cultura, por meio de uma trama na qual se enlaçam a condição fundamentalmente desamparada da criança, a história das escolhas objetais abandonadas e as poderosas identificações com o Pai, portador da Lei, e, como tal, agente regulador das formas do desejo (Lei simbólica, para Lacan, ou Lei universal da proibição do incesto, para Freud).

Não é novidade que foi decalcando a trama edipiana do menino que Freud (1923a/2006) concebeu a da menina. Elas, diz ele, se mostraram como um desafio para a psicanálise, um campo "obscuro e cheio de lacunas" (p. 197). É apenas no trecho final de seu percurso teórico, mais precisamente nos textos sobre o desenvolvimento sexual infantil (Freud, 1923b/2006; 1924/2006; 1925b/2006), que o psicanalista vienense se debruçará sobre a questão da diferença sexual na vivência do complexo de Édipo, especialmente no que diz respeito às vicissitudes do complexo de castração.

Para o menino, a angústia sentida ao perceber que existem seres que não possuem pênis – ao se deparar com o órgão genital feminino – determina sua saída do complexo de Édipo, pois, sem o pavor da castração, o menino não tem o motivo primordial capaz de tirá-lo do Édipo (Freud, 1933/2010). A superação do complexo de Édipo conduz à formação do Supereu no menino, iniciando-se aí o processo de sua socialização.

Para a menina, esse momento de percepção da falta de pênis, em si e na mãe, pode levar, além da inveja do pênis, segundo Freud (1931/2010; 1933/2010), a três "orientações de desenvolvimento" diferentes: (1) afastamento da sexualidade em geral; (2) autoafirmação da sua masculinidade ou "complexo de masculinidade"; (3) a feminilidade "normal". A primeira diz respeito à revolta que a inveja do pênis causa na mulher, que, renunciando ao prazer masturbatório em seu clitóris, se afasta e reprime suas pulsões sexuais. A segunda concerne à negação ou à não aceitação de que não se tem o pênis. Agarrando-se à possibilidade de um dia o possuir, a mulher expressa de forma exagerada a sua masculinidade, podendo "resultar em manifesta escolha homossexual do objeto" (Freud, 1931/2010, p. 208). E, por fim, a terceira orientação configura de forma definitiva a feminilidade "normal", levando a uma identificação com a mãe e ao desejo pelo pai, e posteriormente, à maternidade.

> Também o complexo de castração da garota é iniciado pela visão do outro genital. Ela logo percebe a diferença e – deve-se admitir – sua importância. Sente-se muito prejudicada, diz com frequência que gostaria de "ter algo assim também" e sucumbe à inveja do pênis, que deixa traços indeléveis em seu desenvolvimento e na formação do caráter, e mesmo em casos favoráveis não é superada sem grande dispêndio psíquico (Freud, 1933/2010, p. 280).

Por ter sido inserida na trama edipiana pelo fato de "não ter o pênis", a menina não pode superá-lo pelas mesmas vias que o menino. É a inveja do pênis, emergindo da experiência da castração, que irá definir a consistência do Supereu feminino, que, por sua vez, torna a cultura um lugar menos relevante para a mulher. Ou seja, "a instância moral do superego não seria suficientemente desenvolvida, o que produziria, ao lado disso, um menor poder de sublimação e de simbolização às mulheres" (Birman, 2006, p. 175).

Freud (1908/2006), em seu Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna, desenvolve a concepção de diferença sexual relativa à cultura. Para ele, as mulheres têm qualidade de verdadeiro instrumento dos interesses sexuais da humanidade, e só possuem em pequeno grau o dom de sublimar seus instintos. Neste sentido, reserva-se à mulher o lugar da Natureza, da moral sexual natural, e aos homens, a Cultura, a sublimação e uma moral sexual civilizada.

O complexo de Édipo se fez presente desde os primeiros escritos freudianos , tomando força e consistência teórica em sua práxis clínica e na de seus sucessores. A história do movimento psicanalítico consolidou, progressivamente, a centralidade do complexo de Édipo no bojo da teoria psicanalítica. Afinal, não é nele que residem as chaves para uma compreensão ampliada – na medida em que traz à luz uma dimensão intersubjetiva em relação à qual frequentemente se acusa os psicanalistas de serem negligentes – dos processos de constituição psíquica.

Universalidade e Feminilidade

Muito se questiona a suposta visão freudiana e lacaniana de uma psicanálise universal. A título de exemplo, Simanke (2012) aponta alguns conceitos que Lacan definiu como universais, como ferramentas de generalização e confirmação de uma normatividade expressa na teoria freudiana da sexualidade, em que a sexualidade masculina é tomada como norma para a compreensão da sexualidade feminina (fálico x castrado). O autor se refere ao momento teórico em que Freud, no artigo A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923b/2006), explica a fase fálica como um momento de ausência de representação psíquica do sexo feminino. Por conseguinte, a diferença sexual se organizaria desta maneira: só existiria um sexo – o masculino (ativo); o outro seria castrado (passivo). Neste sentido, a tentativa de universalizar certos conceitos psicanalíticos, especialmente a concepção do complexo de Édipo, contribuiria para a manutenção de ideias normativas e hegemônicas que fazem parte, inclusive, da produção de sofrimento psíquico.

No geral, as críticas direcionadas à universalização na psicanálise são feitas, exatamente, pela ideia de que, ao definir um fenômeno como universal, Freud estaria apagando a singularidade e estabelecendo uma construção teórica independente da cultura e da subjetividade. No entanto, parece-nos questionável que Freud, inventor da hipótese do inconsciente, entendesse o complexo de Édipo como fenômeno concebível fora do registro da singularidade. Justamente porque, se levarmos em consideração algo que é inconsciente, subentende-se que estamos pensando, também, em algo que não se pode prever, ou algo que é próprio do sujeito, portanto, singular.

Então, levantemos uma hipótese acerca da natureza dessas críticas. O problema se concentraria na escolha das palavras que caracterizam a teoria e o sentido que elas carregam. Por exemplo, a figura paterna, na psicanálise freudiana, é a representação da Lei e do limite, e através de sua presença fálica, determina a forma como o sujeito terá acesso à cultura. No entanto, o que causa estranheza e fundamenta algumas das críticas é justamente o fato de a função da lei ser inevitavelmente atribuída a um homem, seja através da necessidade do pênis, seja através do significante masculino que a palavra "pai" evoca. Em uma leitura mais refinada, Lacan (1957-1958/1995) se referiu ao "pai" em Freud como sendo uma "função", "metáfora paterna", a posição simbólica que representa e impõe a Lei e o limite, e não necessariamente como imagem do homem genitor. É verdade, em todo caso, que o caráter masculino desse significante não se anula simplesmente pela operação de situá-lo em uma ordem simbólica, e consequentemente de tensioná-la com o plano das imagens. O que, de acordo com Segato (2003), continuaria fundamentando, mesmo que de maneira inédita, a lógica normativa do patriarcado.

Outra hipótese, em linha de convergência com a anterior, seria a de que o problema apontado pelos críticos seria o caráter universal do complexo de Édipo. E, nesse caso, tratar-se-ia de saber se as críticas à universalidade do Édipo na psicanálise não seriam, na verdade, induzidas, de forma equívoca, do significado ordinariamente dado à palavra universal. Normalmente, entende-se por universal algo que é geral, que abarca todo o mundo e é comum a todos. Esta definição ignora, evidentemente, aspectos fundamentais que a noção de universal possui no contexto do discurso psicanalítico. Aspectos esses desenvolvidos, por exemplo, pela teoria lacaniana da sexuação (1972-1973 [1985]), ou, ainda, pela filosofia de Alain Badiou (2008). Cada um à sua maneira, ambos procuraram restituir ao problema da universalidade sua dignidade teórica e seu imenso potencial explanatório.

Lacan (1972-1973 [1985]), ao enunciar suas famosas "fórmulas da sexuação", subverte o significado ordinário de universal ao qual nos referíamos anteriormente, ou seja, de algo geral e que abarca a todos, sem exceção. Ao elaborar tais fórmulas, Lacan toma a "exceção" como condição fundamental para que exista um "universal". Sua conhecida frase "A mulher não existe" decorre justamente do reconhecimento de que é impossível totalizar o conjunto das mulheres no quadro de um fundamento único, do qual todas sejam, igualmente, a manifestação e o efeito (Zizek, 1991). Ao contrário, por serem totalizáveis em um conjunto fechado e supostamente sem restos – mas ao preço de caírem sob o jugo da lei fálica – os homens existem. Não em razão de uma diferença ontológica qualquer, mas pelo simples fato de terem se submetido ao regime da Lei a à imanência de suas exceções. Como bem nota Zizek (1991), o homem "é a mulher que pretende existir" (p. 53)

Neste sentido, parece-nos ingênuo afirmar que Freud, e também Lacan, esperavam que seus conceitos fossem válidos para o universo inteiro, ou que seriam aplicáveis a todas as pessoas. Afinal, não é Freud quem nos recomenda tomar cada caso como se fosse o primeiro, por ser único? E não é partindo da consideração da experiência singular do sujeito do inconsciente que Lacan promove o seu "retorno a Freud"? Compreendemos, com Oliveira (2005), que

a visada do psicanalista são precisamente os modos pelos quais a singularidade se constrói na universalidade. E nesse sentido, como seria possível ao psicanalista considerar o lugar do complexo de Édipo nos processos singulares de constituição subjetiva e de sofrimento psíquico se, de fato, se tratasse de algo puramente universal? Ou dito de outra forma, como é possível ao psicanalista conciliar a dimensão universal do Édipo e o caráter singular do sujeito?

No intuito de explorar e melhor compreender o caráter universal do complexo de Édipo na obra de Freud, lançaremos mão de duas das oito teses sobre o universal desenvolvidas por Badiou (2008). De acordo com a primeira,

> O universal é essencialmente inobjetivo. É experimentável apenas na produção, ou na reprodução, de uma trajetória de pensamento, e essa trajetória constitui, ou reconstitui, uma disposição subjetiva. Exemplo-tipo: a universalidade de uma proposição matemática só é experimentável na invenção ou na reprodução efetiva da sua demonstração. A universalidade situada de um enunciado político só é experimentável na prática militante que o efetua (Badiou, 2008, p. 41).

Significa dizer que o universal não é um dado, não é unificado e não existe per se, mas apenas a partir do momento que se pode vivenciá-lo subjetivamente. Assim como a universalidade de uma proposição matemática só tem sentido quando demonstrada de maneira efetiva, a universalidade do complexo de Édipo só tem um sentido como algo que está fundamentado na fala do sujeito na experiência analítica.

De acordo com a segunda tese de Badiou (2008), todo universal "se apresenta não como regulamentação do particular ou das diferenças, mas como singularidade subtraída aos predicados identitários" (p. 43). Isto é, a universalidade se expressa na singularidade, de tal modo que todo universal é singular, ou "uma singularidade". Maneira de dizer que, ao contrário de um "todo sem restos", o universal se mostra como aquilo que insiste em não se deixar totalizar, como abertura ao Outro da diferença. Em suma, emerge como resto da operação de totalização do real, sob a forma de um excesso inassimilável (França Neto, 2009).

A universalidade do complexo de Édipo também é bastante discutida no diálogo entre psicanálise e antropologia. Rinaldi (1996) percebe que o debate entre esses dois campos do saber parece girar em torno da querela "relativismo X universalismo". De um lado, antropólogos questionam a teoria psicanalítica em prol de um relativismo cultural, afirmando que a psicanálise sustenta uma visão reducionista do homem. E, de outro, alguns psicanalistas que, para defender a teoria freudiana, alegam falta de conhecimento, por parte de seus críticos, acerca de conceitos teóricos básicos da psicanálise.

Segato (2003) afirma que o postulado psicanalítico da universalidade do complexo de Édipo é a "pedra angular da assumida incompatibilidade entre os dois campos" (p. 137). Neste mesmo artigo, a autora nos relata que, durante a formação em antropologia, é comum respeitar as recomendações sobre o perigo de atravessar as barreiras entre as Ciências Humanas e as Ciências Sociais.

Procurando forçar os limites do diálogo entre psicanálise e antropologia, consideremos a lei de interdição do incesto, ou "lei simbólica" (Rinaldi, 1996), como marco da aproximação entre as duas áreas. Tanto para Lévi-Strauss, quanto para Lacan, essa é a primeira lei não-biológica que funda o sujeito como humano. Enquanto, para o primeiro, é essa lei que inscreve sujeito no registro da Cultura, para o segundo, é a interdição proporcionada pela mesma lei que desloca o sujeito do mundo materno para um mundo regido pelas normas – o do pai.

Ou seja, fazer uma articulação entre estas duas áreas do saber (antropologia e psicanálise) nos leva a pensar o lugar da mulher, no discurso freudiano, como o mais distante da cultura e da linguagem, marcado pela natureza e pelas pulsões. Seguindo esta lógica, Segato (2003), afirma que, no quadro do complexo de Édipo, a figura da mãe assumiria uma posição de pouca importância, ou até mesmo negativa, quando comparada com a função paternal, que é proporcionar ao filho, através da lei – masculinamente representada – autonomia e uma vida "normal", enquanto a mãe, sem a figura do pai, aproximaria seu filho do lugar das pulsões e da natureza. Subentende-se daí uma hierarquização das relações entre masculino e feminino, segundo Birman (2001), presente em toda a construção teórica/conceitual do complexo de Édipo.

Até 1923, Freud alegava uma incapacidade teórica da psicanálise de investigar a questão da infância feminina, referindo-se apenas à criança do sexo masculino, o que, em última instância, deixava apenas no imaginário de seus leitores a questão das condições da posição feminina. Birman (2001) afirma que o estatuto de enigma atribuído às mulheres – presente desde as primeiras elaborações sobre a histe-

ria até o último texto sobre a questão da feminilidade (Freud, 1933/2010) – traz consequências importantes para a concepção de diferença sexual. Pois, se para Freud a feminilidade se constituía como algo da ordem do indizível, ou seja, irrepresentável, obscura e enigmática, a masculinidade, por sua vez, representava o que seria da ordem da evidência, da clareza teórica e da transparência. Dando margem para pensarmos que Freud representou a feminilidade pela categoria da imperfeição, donde se deduz que ela somente poderia ser "salva", estudada e pesquisada pela luz da perfeição, o masculino. Ilustra-se aí um dos pressupostos freudianos apontados por Birman (2001): "o masculino, tomado como paradigma, faria com que o feminino fosse mais bem esclarecido" (p. 183).

As histéricas de Freud eram mulheres que vivenciavam sua sexualidade sob a forma de uma recusa em aceitar os modelos de subjetivação e sexuação hegemônicos, e que encontravam, no sintoma, uma via de expressão desse profundo desacordo. Levando em conta que Freud era um homem típico do século XIX, partilhando dos ideais de sua época – ao, por exemplo, acreditar no "ideal admirável que a natureza destinou as mulheres" (Kehl, 2016, p. 153) – concordamos com Maria Rita Kehl (2016), para quem a escuta do que as histéricas tinham a dizer mobilizou em Freud algo que o fez ignorar a nova ideia advinda desta escuta, delimitando assim o lugar de enigma ocupado pelas mulheres. Enigma que a psicologia é decidamente incapaz de decifrar (Freud, 1933/2010).

> A manutenção de um ponto enigmático sobre o querer feminino, a representação da mulher como o continente negro da psicanálise, seriam a meu ver recursos a que Freud recorreu para manter-se ignorante a respeito do que ele mesmo não queria saber, embora já tivesse revelado ao resto do mundo: a diferença [fundamental] entre homens e mulheres é tão mínima, que não há mistério sobre o "outro" sexo que um cavalheiro não pudesse responder indagando a si próprio (Kehl, 2016, p. 154).

Fica claro, então, que o fato de Freud ter descoberto o inconsistente não o colocou ao abrigo dos efeitos de seu próprio inconsciente, atravessado por todos os mecanismos de defesa que engendram a recusa do saber inédito que a investigação psicanalítica trouxe à luz. Saber do qual os neuróticos nada querem saber.

Neste sentido, é interessante pensar que, se o complexo de Édipo assumiu um papel central, não só na teoria freudiana, mas também nas críticas a ela direcionadas, talvez seja justamente porque seus desdobramentos teóricos e clínicos são perpassados por uma hierarquia sexual onde o masculino se coloca como superior ao feminino, o que aumentaria a distância e tornaria escassa a possibilidade de um diálogo da psicanálise com os feminismos.

Além do Édipo?

O movimento de descentralização do estatuto do complexo de Édipo na teoria psicanalítica teve início com Jaques Lacan, para quem a psicogênese, cada vez mais eloquente ao longo da teoria freudiana, aproximou a psicanálise de um projeto normativo que não só coloca as neuroses como algo da ordem dos distúrbios de desenvolvimento, mas também as posiciona como um dispositivo a serviço da heteronormatividade, quando se trata das escolhas objetais do sujeito (Lacan, 1956-1957/1995).

Durante a década de 50, Lacan estabeleceu, por meio de uma aproximação teórica com o estruturalismo de Lévi-Strauss, um vínculo inédito entre a antropologia e a psicanálise quando apresentou sua releitura do complexo de Édipo freudiano. O complexo edipiano, a partir desta aproximação, seria entendido de maneira estrutural, ou seja, como um conjunto de elementos que se constituem na relação e que são, portanto, rigorosamente interdependentes. Isto significa que, no seu "retorno a Freud", Lacan se distancia da lógica desenvolvimentista freudiana, e investiga a problemática edipiana não mais sob a perspectiva dos estágios psicosexuais da criança e das interrupções do desenvolvimento, mas sob a ótica das formas de se posicionar no interior de uma estrutura relacional que vai determinar o modo como somos afetados pela linguagem a partir da lógica de produção de sentidos no deslizamento dos significantes de nossa história.

Esta aproximação à antropologia estruturalista permitiu que Lacan desenvolvesse a concepção de "estruturas clínicas" (neurose, perversão e psicose), que não estão ligadas às consequências psíquicas de uma má resolução edipiana, mas à constituição do sujeito, ou seja, dizem respeito à maneira pela qual o sujeito se coloca em relação ao desejo do Outro e à cultura. Dito de outra forma, as estruturas clínicas podem ser caracterizadas como maneiras de se posicionar e desejar na cultura, e por isso não escapam de serem, também, formas de expressões culturais (Van Haute & Geyskens, 2016). Nesse movimento, revela-se um esforço no sentido de desidentificar a psicanálise de qualquer pretensão totalizante ou normativa.

No entanto, cabe-nos a suspeita de que Lacan

não rompe, a rigor, com a lógica patriarcal presente na teoria freudiana e confirma, entre outras coisas, uma gama de preconceitos do pai da psicanálise, sobretudo aqueles relacionados ao lugar da mulher na cultura. Van Haute e Geyskens (2016) reconhecem a contribuição de Lacan para uma nova leitura da psicopatologia psicanalítica. Porém, argumentam que, apesar de insistir que a histeria não é uma problemática tipicamente feminina, a reinterpretação estruturalista do complexo de Édipo por Lacan não coaduna com essa insistência. Em última instância, a superação da crise edípica levaria a mulher, como sujeito, a assumir os papeis a ela prescritos pelos sistemas simbólicos de parentesco, ou seja, a assumir a posição de objeto de troca (Lacan 1956-1957/1995).

De acordo com Van Haute & Geyskens (2016), é possível opor, no interior da obra freudiana, duas abordagens distintas acerca da psicopatologia: a perspectiva "psicogênica", que compreende o psicopatológico como "distúrbio do desenvolvimento" ligado aos desdobramentos do Complexo de Édipo, e a perspectiva "patoanalítica", segundo a qual as neuroses seriam "expressões excessivas de disposições comuns a todos os seres humanos (...), de questões antropológicas fundamentais (e não distúrbios de desenvolvimento)" (p. 25). Portanto, trata-se de pensar a questão do psicopatológico para além do complexo de Édipo, que, aliás, segundo Lacan (1969-70/1992), não era mais do que um "sonho de Freud" (p. 135). Tal descentramento da psicopatologia psicanalítica em relação à suposta indissociabilidade entre complexo de Édipo e nosografia freudiana é um belo exemplo de que a psicanálise, ao contrário de ser simplesmente uma doutrina, é um movimento de pensamento, enquanto tal, sempre inacabado e por fazer-se.

Para embasar a hipótese de que há uma possibilidade de olhar as psicopatologias através de uma perspectiva patoanalítica, Van Haute e Geyskens (2016) sustentam a ideia de que o próprio Freud, nos anos iniciais da construção teórica, começou a esboçar esta lógica ao tratar, fundamentalmente, da importância da bissexualidade e do recalque orgânico das zonas erógenas. As contribuições teóricas daí advindas permitem repensar, por exemplo, os estigmas presentes na clínica psicopatológica, ou a consagrada polimorfia da sexualidade humana.

Ainda nesse sentido, Ambra (2018) desenvolveu uma hipótese de aproximação entre a teoria psicanalítica lacaniana e a teoria de identidades de gênero, desenvolvida por Judith Butler. A partir da ideia de que Lacan nos legou o desafio de tratar a questão da sexuação, o autor argumenta que a psicanálise, apesar de pretender, não respondeu de fato a questão: "qual é o processo pelo qual um ser bissexual, com tendências perverso-polimorfas, aliena-se em dada identidade sexual?" (Ambra, 2018, p.45). Dessa forma, questiona-se o paradigma edipiano como dimensão fundante das identidades sexuais.

Ao afirmar que o complexo de Édipo é uma descrição da entrada do sujeito no campo da linguagem, e não um processo de sexuação, Ambra (2018) propõe outro olhar sobre fenômenos que, em uma perspectiva desenvolvimentista, são reduzidos a meras anormalidades; por exemplo, a transexualidade. Trata-se de reconhecer que estes e outros fenômenos contemporâneos como novas formas de alienação ao desejo do Outro, que é insistentemente marcado por novos significantes na constituição do laço social.

Considerações Finais

O distanciamento entre psicanálise e feminismo nos oferece a oportunidade de requestionarmos alguns conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, com o intuito de buscar maneiras de forjar e amplificar os debates entre a psicanálise e outros campos do saber. O que se mostra como uma tarefa fundamental na medida em que uma teoria se constitui sob a base dos tensionamentos, incerteza e confrontações que lhe são propostas.

Por fim, pensamos ser crucial a recente discussão, no campo psicanalítico, acerca das possibilidades teóricas abertas pela descentralização do referencial edipiano. Tal discussão nos engaja na busca de alternativas para se pensar de maneira mais ampla o sujeito do inconsciente e suas vicissitudes. Mas muito mais do que responder, positiva ou negativamente, à pergunta "é possível uma psicanálise sem Édipo?", o grande desafio de nossa época é o de sustentar a questão, reconhecendo que as tensões, impasses e incongruências que se manifestam no interior de uma teoria não são momentos contraproducentes de sua formação, mas ocasiões privilegiadas para testarmos sua capacidade de avultar-se sobre domínios antes inimagináveis. A problemática em torno do Édipo é apenas um exemplo de como uma teoria pode se reinventar pelo requestionamento de suas hipóteses fundamentais.

Referências

Adichie, C. (2014). Sejamos Todos Feministas. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Ambra, P. (2018). Gênero e Identificação. Stylus Re-

vista de Psicanálise (Rio de Janeiro), 35, 43-50. Doi: https://doi.org/10.31683/stylus.v0i35.47

Áran, M. (2000). Feminilidade, entre Psicanálise e Cultura: Esboços de um Conceito. Rev. Saúde Coletiva 10(1), 169-195. Doi: 10.1590/S0103-73312000000100008

Badiou, A. (2008). Oito teses sobre o universal. Revista Ethica (Rio de Janeiro), 15(2), p. 41-50.

Beauvoir, S. (2016) O Segundo Sexo. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Original publicado em 1949).

Birman, J. (2006) Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. Natureza Humana (São Paulo), 8(1), 163-180.

Birman, J. (2001). Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.

Biroli, F. (2017). Teorias Feministas da Política, Empiria e Normatividade. Lua Nova (São Paulo), 102, p. 179-210.

Butler, J. (2003). Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade [Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity] (R. Aguiar, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. (Original publicado em 1990).

Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In: R.H. Cardoso, M. Chauí, M. C. Paoli (Orgs.), Perspectivas Antropológicas da Mulher 4 (pp.25-62). Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

Cossi, R & Dunker, C. (2017) A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, DF, 33(1).

Costa, T. (2010). Édipo. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Delphy, C. A materialist feminism is possible. In: Close to Home: A Materialist Analysis of Women's Opression. Great Britain: The University of Massachusetts Press, p. 154-161, 1984.

Dunker, C. (2006). O nascimento do sujeito. Viver Mente e Cérebro (São Paulo), v. 2, 14-26.

França Neto, O. (2009). Por uma nova concepção de universal. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. (São Paulo) 12(4), 650-661

Freud, S. (1908/2006). Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. IX. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1923a/2006). O Ego e o Id. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1923b/2006). A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1924/2006). A Dissolução do Complexo de Édipo. In: Edição Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas De Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1925a/2010). Autobiografia, In: Obras Completas, v. 16, São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1925b/2006). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. In: Edição Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas De Sigmund Freud v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1931/2010), Sobre a Sexualidade Feminina, In: Obras Completas, v. 18, São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1933/2010), A Feminilidade, In: Obras Completas, v. 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Hooks, B. (2000). Feminism is for everybody: Passionate Politics. New York, NY: Routledge.

Kehl, M. R. (2016). Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro, RJ: Boitempo.

Lacan, J. (1956-1957/1995). O Seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1957-1958/1995). O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1969-1970/1992). O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1961-1962/2003). O Seminário livro 9: a

identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Lacan, J. (1972-1973/1985). O Seminário livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Lagoas, J. M. (2017). Epistemologia, Psicanálise e Políticas do Sofrimento Psíquico. Projeto de Pesquisa. Brasília, DF: Uniceub.

Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [Creates mechanisms to curb domestic and family violence against women]. Brasília, DF: Presidência da República.

Machado, R. (2006). Foucault, a ciência e o saber. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Nasio, J. D. (2007). Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Oliveira, B. (2005) A dialética do singular-particular--universal. In: Abrantes, A. A.; Silva, N. R.; Martins, S. T. F.(Orgs.). Método Histórico-Social na Psicologia Social (pp. 80-101). São Paulo, SP: Vozes.

Poli, M. C. (2015). O Feminino, além do Édipo. SIG Revista de psicanálise (Porto Alegre) v. 4, 23-29.

Rinaldi, D. (1996). A Ética da Diferença. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ Jorge Zahar Ed.

Segato, R. L. (2003). A célula violenta que Lacan não viu: um diálogo (tenso) entre a Antropologia e a Psicanálise. Clinamen (Florianópolis), v. 2, 121-151.

Simanke, R. T. (2012). A universalização da falta: o risco normativo da psicanálise lacaniana. Winnicott E--prints (São Paulo) 7(1), 49-79.

Tiburi, M. (2018). Feminismo em comum e para todas, todes e todos. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Ventos.

Van Haute, P. & Geykens, T. (2016) Psicanálise Sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Zizek, S. (1991) O Mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Recebido: 20/11/2018
Aprovado: 28/11/2018
Publicado: 18/12/2018